

IMAGENS MENTAIS NA DESCRIÇÃO DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS NA L2: RETOMANDO A NOÇÃO DE CONSISTÊNCIA

Alessandra Baldo¹

alessabaldo@gmail.com

RESUMO: O A semelhança das imagens mentais associadas a expressões idiomáticas foi sustentada por Gibbs & O'Brian (1990) e, mais recentemente, por Kazemi et al (2013). No estudo de 1990, Gibbs & O'Brian argumentaram que, enquanto os participantes elaboraram imagens mentais díspares entre eles para explicar as expressões literais, houve consistência das imagens referentes às expressões idiomáticas, e que isso se devia à influência restritiva das metáforas conceptuais. Kazemi et al também encontraram semelhanças nas imagens mentais referentes a expressões idiomáticas por falantes persas, aprendizes de farsi como L2. Em ambos os estudos, foram utilizados questionários estruturados, visando à categorização das imagens inferidas. Nesse contexto, este artigo apresenta os resultados parciais de um estudo de natureza qualitativa cujo objetivo é investigar em que medida as imagens mentais criadas por aprendizes de português como L2, quando apresentados a expressões idiomáticas desconhecidas, são consistentes entre si, a exemplo dos resultados encontrados nos estudos supracitados, mesmo com os dados sendo obtidos a partir da análise de descrições livres das imagens mentais, e não a partir de questionários. Para tanto, solicitou-se a seis estudantes de português como L2 – um falante nativo de chinês, dois, de inglês, e três, de espanhol – que descrevessem as imagens que associavam ao significado de cinco expressões idiomáticas relacionadas aos itens lexicais mãos, pés e dedos – i.e., meter os pés pelas mãos, sem pé nem cabeça, ter a mão leve, dar/ganhar de mão beijada, ser uma mão na roda. As descrições ocorreram em sessões individuais e não houve delimitação de tempo, sendo gravadas e posteriormente transcritas. A análise dos dados, até o momento, mostrou que, de modo geral e a exemplo de outros estudos, o ponto de convergência das imagens mentais elaboradas frente a expressões idiomáticas novas na L2 foram as metáforas conceptuais. Das cinco EIs avaliadas, apenas uma não apresentou dados suficientes para comprovar esse argumento. A explicação mais plausível para tal resultado parece residir no entendimento já cristalizado de que o significado de novas metáforas e expressões idiomáticas é criado tanto pela cultura do falante de uma dada língua como pelas experiências pessoais deste (Lakoff e Johnson, 1980).

PALAVRAS-CHAVE: Imagens mentais; expressões idiomáticas na L2; metáfora conceptual.

ABSTRACT: The similarity of mental images associated with idioms has been advocated by Gibbs & O'Brian (1990) and, more recently, by Kazemi et al (2013). In the 1990 study, Gibbs & O'Brian concluded that, while participants created dissimilar mental images to refer to literal expressions, there was consistency as far as the images

¹ Universidade Federal de Pelotas, RS.

related to idioms were concerned, which could be explained by the restrictive influence of conceptual metaphors. Kazemi et al have also found similitudes in the mental images associated with idioms created by speakers of Farsi, learners of Persian as an L2. Both studies used semi-structured questionnaires, aiming at categorizing the inferred images. Within this context, this paper presents the partial results of a qualitative study whose main objective is to investigate to what extent the mental images created by speakers of Portuguese as an L2, when exposed to novel idioms, are consistent, as it was found in the above mentioned studies, even when data is obtained through a free description of the idioms mental images, instead of a questionnaire. In order to do so, six students of Portuguese as an L2 – a native speaker of Chinese, two native speakers of English and three native speakers of Spanish – were invited to describe images associated with five idioms related to the lexical items of hands, feet and fingers. No time-limit descriptions took place in individual sessions. So far, data analysis have shown that the conceptual metaphors and their entailments were the unifying factors behind the mental images created by the participants, in line with Lakoff & O'Brien and Kazemi et al studies. Except for one idiom, the analysis of the remaining four give weight to this view. A plausible explanation seems to lie in the now crystallized idea that the meaning of new metaphors and idioms is created both by the speakers' culture, as well as by their personal experiences (Lakoff e Johnson, 1980).

KEYWORDS: Mental images; idioms; conceptual metaphor.

Introdução

Desde o estudo precursor de Gibbs & O'Brien (1990) sobre a relação entre metáforas conceituais e expressões idiomáticas (EIs) , o entendimento das EIs como “metáforas mortas não-motivadas” vem perdendo força, especialmente na medida em que estudiosos da metáfora continuam fornecendo evidências de que as EIs, ou pelo menos um número expressivos delas, são sim motivadas, e que essa motivação tem origem nas metáforas conceituais. Nesse contexto, este artigo apresenta um estudo sobre a compreensão de expressões idiomáticas por aprendizes de português como L2 cujo objetivo é contribuir para o debate a respeito da aplicabilidade dos princípios da teoria cognitiva da metáfora para explicar o funcionamento dessas expressões.

Como será visto ao longo deste texto, o estudo teve como objetivo específico verificar se as imagens mentais elaboradas por seis aprendizes de português como L2, ao serem apresentados a EIs desconhecidas na língua-alvo, eram consistentes entre si, a exemplo dos resultados encontrados por Gibbs & O'Brien (1990) e, mais recentemente, por Kazemi et al (2013). O grupo de aprendizes era constituído por três falantes nativos de espanhol, dois, de inglês, e um, de chinês. As diferenças metodológicas entre os dois estudos citados e o aqui relatado permitiram que buscássemos respostas a duas questões de pesquisa: (i) o fato de as EIs serem desconhecidas pelos sujeitos poderia influenciar na consistência das imagens verbais relatadas?; (ii) o fato de alguns dos sujeitos

compartilharem a mesma língua materna poderia, da mesma forma, influenciar na consistência dessas imagens?

O artigo está dividido em cinco seções. Na primeira, é apresentada uma síntese dos dois estudos que motivaram a realização da pesquisa aqui apresentada, o de Gibbs & O'Brien (1990) e o de Kazemi et al (2013). A seção seguinte discorre brevemente sobre a relação entre três termos fundamentais para este estudo, ou seja, a relação entre expressões idiomáticas, imagens mentais e metáforas conceptuais. A metodologia é descrita na terceira seção, enquanto a apresentação e a análise de dados são os temas da quarta seção. A quinta e última seção retoma brevemente os objetivos e questões do estudo, sintetizando os resultados encontrados.

1. Estudos prévios

Iniciamos a sessão por Gibbs & O'Brien (1990), e não somente por serem os primeiros a investigarem a aplicabilidade da noção de metáforas conceptuais a expressões convencionais de uma língua, mas também, e principalmente, pelo impacto do trabalho dos autores no desencadeamento de uma mudança na compreensão, pelos linguistas cognitivas, dos mecanismos subjacentes a essas expressões. Atualmente, qualquer histórico sobre teorias relativas a expressões idiomáticas (EIs) inclui necessariamente as noções de metáforas conceptuais e imagens mentais, conceitos-chave na pesquisa dos autores.

O estudo de Gibbs & O'Brien (op. cit), em linhas gerais, consistiu na verdade em três experimentos que tinham como objetivo comum investigar em que medida as imagens mentais de 25 expressões idiomáticas (EIs) em língua inglesa criadas por 24 falantes nativos de inglês eram similares. As EIs foram subdivididas igualmente em cinco temas: raiva, exercício de controle ou autoridade, habilidade de manter segredo, insanidade e revelação. No primeiro experimento, os sujeitos descreveram, via protocolos verbais, as imagens mentais associadas a cada uma das expressões, e em seguida responderam a questões detalhadas sobre essas imagens, relacionadas à causa, intencionalidade, modo, consequência, consequência negativa e possibilidade de reversibilidade. Como resultado, os autores encontraram um nível significativo de similaridade entre as imagens verbais criadas para as EIs, a despeito de diferenças na composição lexical dessas.

O segundo e o terceiro experimento foram experimentos-controle. O segundo visava a descartar a possibilidade de que a uniformidade das imagens mentais

verificadas no Experimento 1 tivesse ocorrido somente devido ao conhecimento prévio das EIs pelos sujeitos. Os pesquisadores solicitaram a 24 falantes nativos de inglês – diferentes dos do primeiro estudo – que criassem imagens mentais para paráfrases literais das definições das EIs, respondendo às mesmas questões relativas a essas imagens empregadas no experimento 1. Se esse fosse o caso, argumentaram os linguistas, os sujeitos criariam imagens mentais semelhantes às do primeiro experimento. Contudo, e conforme esperado por Gibbs & O'Brien, as imagens mentais nesse contexto foram bastante díspares entre os sujeitos, mostrando que as imagens convencionais associadas com as EIs não eram somente baseadas nos significados figurativos.

Já o terceiro experimento buscava descobrir se a consistência das imagens mentais verificadas no experimento 1 não teria sido causada simplesmente porque as pessoas costumam criar imagens mentais semelhantes para enunciados, sejam elas idiomáticas ou não. Para verificar essa hipótese, os pesquisadores transformaram cada uma das EIs em frases literais – modificando a última parte da expressão, como *spill the beans* para *spill the peas* – e solicitaram a outros diferentes 24 sujeitos que construíssem imagens mentais para tais enunciados, respondendo na sequência a questões sobre essas imagens – as mesmas dos experimentos 1 e 2. Novamente conforme previsto por Gibbs & O'Brien, houve pouca consistência entre as imagens gerais dos sujeitos para os diferentes grupos de frases literais, as quais não eram restringidas por metáforas conceituais, resultado em contraste direto com o obtido no Experimento 1.

Assim, frente às evidências obtidas pelos três experimentos, a conclusão geral dos pesquisadores foi de que as EIs não são metáforas mortas e não possuem significados predeterminados. Pelo contrário, eles argumentam que “o significado de muitas EIs são determinados pelo conhecimento tácito dos falantes das metáforas conceituais subjacentes ao significado dessas frases figuradas”.(p. 36).

O estudo de Kazemi et al (2013) é uma quase-replicação do experimento 1 de Gibbs & O'Brien (1990), com as seguintes diferenças: (i) os sujeitos eram falantes nativos de farsi e estudantes de persa como L2, provenientes de diferentes regiões do Irã, cada uma com seus dialetos característicos de Farsi ; (ii) havia 20 expressões idiomáticas em persa, subdividas em cinco grupos: raiva, correr riscos, insanidade, vaidade e loquacidade. Essas diferenças metodológicas estavam relacionadas com os objetivos dos pesquisadores, que eram verificar se os resultados sobre a consistência de

imagens verbais em expressões idiomáticas obtidos por Gibbs & O'Brien poderiam ser generalizados para outras comunidades de fala, como também explorar se as pessoas em diferentes sociedades, culturas e línguas compreenderiam as EIs do mesmo modo. Os autores, a partir da aplicação da teoria das metáforas conceptuais, tiveram confirmadas as duas questões de pesquisa.

2. Relação metáfora e EIs

Como vimos até o momento, a visão tradicional das EIs como metáforas “mortas” – ou seja, expressões metafóricas que perderam sua metaforicidade com o tempo e, por isso, são equivalentes a frases literais – tem sido questionada desde, pelo menos, o estudo de Gibbs & O'Brien recém citado. A esse respeito, Gibbs (1992) acrescenta, as EIs têm significados mais complexos, os quais são motivados pelas metáforas conceptuais, que relacionam as frases idiomáticas com as suas interpretações figurativas.

Lakoff e Johnson (1999, p. 67), ao analisarem as expressões linguísticas da metáfora O AMOR É UMA VIAGEM, comentam que uma parte considerável dessas são EIs, como “andar em círculos”² e “estar fora do rumo”³, e que, diferentemente do que apregoado pela linguística tradicional, elas não são arbitrárias, mas sim motivadas pelo mapeamento metafórico e por certas imagens mentais convencionais. Os autores se valem da EI “*spinning one's wheel*” para mostrar a riqueza da imagem mental convencional associada a essa expressão e o grande conhecimento que possuímos sobre ela – as rodas pertencem a um veículo, as rodas estão girando, o veículo não consegue se mover, os viajantes desejam que o veículo se mova, eles não estão felizes com a situação, etc.

Nesse contexto, o que a metáfora O AMOR É UMA VIAGEM faz é mapear o conhecimento sobre a imagem convencional com o conhecimento sobre relações amorosas. Ao fazer isso, alguns dos mapeamentos da imagem convencional – como rodas, o meio no qual o carro está girando suas rodas sem locomover-se – não serão mapeados para a metáfora, porque não possuem relação direta com essa. Assim, essas expressões são denominadas de EIs metafóricas na medida em que possuem “uma

² No original, “*spinning one's wheels*”. Literalmente, ficar girando as rodas (de um carro); idiomáticamente, mover-se sem sair do lugar. A EI “andar em círculos” em português tem sentido semelhante ao da EI original.

³ No original, “*off the track*”. Literalmente, estar fora dos trilhos; idiomáticamente, não estar em uma direção produtiva, seguir a direção errada. A EI “fora do rumo”, em português, tem sentido aproximado ao da EI original.

imagem mental convencional e conhecimento sobre a imagem”.⁴ Os autores complementam que “um mapeamento metafórico convencional mapeia o conhecimento do domínio-fonte com o conhecimento do domínio-alvo” (p. 68). Lakoff e Johnson (1999, p. 69) apresentam cinco razões para a importância das EIs metafóricas. De acordo com os autores, elas mostram que (i) as palavras podem designar partes de imagens mentais convencionais; (ii) as imagens mentais não variam grandemente de pessoa para pessoa – na verdade, essas são compartilhadas por um grande número de falantes de uma língua; (iii) uma parte do conhecimento cultural tem a forma de imagens convencionais e conhecimento sobre essas imagens; (iv) uma parcela significativa das diferenças lexicais entre as línguas pode estar relacionada com diferenças nas imagens convencionais; (v) os mesmos mapeamentos metafóricos aplicados a diferentes imagens originam diferentes expressões linguísticas para esses mapeamentos.

3. Metodologia

A fim de ser possível responder às questões colocadas pelo estudo, descritas na Introdução, foram selecionados seis estudantes de português como L2 – dois falantes nativos de inglês, três falantes nativos de espanhol, e um, de chinês – matriculados no curso de Português para Estrangeiros de uma universidade federal do sul do Brasil no ano de 2014.

Para a obtenção dos dados, foram selecionadas cinco expressões idiomáticas com as palavras mãos, pés e dedos, com o objetivo de manter uma relação semântica entre elas, conforme segue: estar de mãos atadas; meter os pés pelas mãos; ser uma mão na roda; ganhar de mão beijada; ter mão leve. Essas EIs estavam relacionadas a três metáforas conceptuais distintas: (i) ESTRUTURA DE EVENTOS, (ii) AÇÕES SÃO TRANSFERÊNCIAS e (iii) LEVE É BOM; PESADO É RUIM, a partir da classificação proposta por Lakoff (1992) para as metáforas (i) e (ii), e por Lakoff & Johnson (1980) para a metáfora (iii). No quadro I a seguir, a correspondência entre as EIs e as metáforas conceptuais é apresentada.

⁴ Lakoff, no texto “The Contemporary Theory of Metaphor” (1992), denomina esse tipo de EI de imagética (“*Imageable idioms*”). O exemplo usado é o mesmo – “*spinning one’s wheels*” – , e a linha de argumentação também. Nas palavras do autor: Em resumo, quando EIs são associadas a imagens convencionais, é comum que uma metáfora conceptual motivada de forma independente mapeie o conhecimento do domínio-fonte para o domínio-alvo. (Lakoff, 1992, p. 7-8)

Tabela 1 Correspondência EIs e Metáforas Conceptuais

<i>Expressões Idiomáticas</i>	<i>Metáforas Conceptuais Subjacentes</i>
Estar de mãos atadas Meter os pés pelas mãos Ser uma mão na roda	ESTRUTURA DE EVENTOS <i>Lakoff (1992)</i>
Ganhar de mão beijada	AÇÕES SÃO TRANSFERÊNCIAS <i>Lakoff (1992)</i>
Ter mão leve	LEVE É BOM; PESADO É RUIM <i>Lakoff e Johnson (1980)</i>

A coleta de dados se deu em sessões individuais, por meio de protocolos verbais de pausa e retrospectivos, que consistem em solicitar que o sujeito verbalize o que está pensando no momento em que busca realizar a tarefa solicitada (protocolo de pausa), e logo após tê-la realizado (protocolo retrospectivo), possibilitando assim que o pesquisador obtenha informações sobre os processos cognitivos por ele empregados (Ericson e Simon, 1993; Camps, 2003; Afflerbach & Young, 2009). Todas as verbalizações foram gravadas em áudio, e os dados, posteriormente transcritos.

Primeiramente apresentavam-se as EIs descontextualizadas aos sujeitos, solicitando que descrevessem as imagens que associavam ao significado das EIs. Caso não conseguissem formar uma imagem, solicitava-se que buscassem fazê-lo a partir de quaisquer outros tipos de conhecimento prévio que lhes ocorresse no momento.

4. Apresentação e análise de dados

Análise geral das EIs

A fim de avaliar em que medida a consistência das imagens verbais criadas pelos participantes do estudo eram consistentes entre si mesmo quando não havia questões pré-definidas sobre essas imagens – como nos estudos de Gibbs & O’Brien e Kazemi et al –, uma síntese dessas imagens, elaborada a partir da análise dos protocolos verbais, é apresentada na Tabela 2. Já na Tabela 3 estão os conceitos atribuídos às EIs pelos participantes a partir dessas imagens – mas não somente a partir delas, uma vez que, conforme definido na metodologia, caso nenhuma imagem relativa à EI fosse criada pelos sujeitos, eles poderiam empregar qualquer outro tipo de conhecimento para tentar encontrar um significado à expressão.

Após a análise das tabelas gerais, os dados relativos a cada uma das EIs será avaliado em maior detalhe. Importante notar que a presença de um traço nas tabelas indica que o sujeito não elaborou qualquer imagem e/ou significado para a EI. Além

disso, há ocasiões em que o que consta como a descrição da imagem na Tabela 2 é o mesmo que consta como síntese do conceito da EI na Tabela 3, e isso ou porque a imagem e o conceito eram fornecidos ao mesmo tempo pelo participante, ou, em alguns casos, porque os limites entre um e outro eram difíceis de estabelecer.

Tabela 2: Descrição das imagens mentais criadas para as EIs

EIs	Aprendiz 1 Inglês L1	Aprendiz 2 Inglês L1	Aprendiz 3 Espanhol L1	Aprendiz 4 Espanhol L1	Aprendiz 5 Espanhol L1	Aprendiz 6 Chinês L1
EI 1 Estar de mãos atadas	estar com as mãos atadas, sem poder agir ou mover-se	Estar com as mãos já envolvidas em alguma tarefa	estar com as mãos atadas, sem poder agir ou mover-se	estar com as mãos atadas, sem poder agir ou mover-se	estar com as mãos atadas, sem poder agir ou mover-se	_____
EI 2 Meter os pés pelas mãos	todos estão fazendo algo com os pés, e você faz com as mãos.	_____	(tentar) “vender” algo por outra coisa	uma pessoa fazendo com as mãos o que deve ser feito com os pés	ficar em posição incômoda (<i>literal</i>)	Fazer com os pés o que deve ser feito com as mãos
EI 3 Ser uma mão na roda	Uma roda está girando, e alguém coloca a mão e para a roda.	_____	A roda está girando, e cabe a você fazê-la continuar o movimento (ou fazê-la parar)	Imagem relacionada a progresso e obtenção de metas profissionais	Imagem de uma roda de pessoas, em que todas estão de mão dadas	Imagem de uma roda de pessoas, em que todas estão de mão dadas
EI 4 Dar/ ganhar de mão beijada	alguém agradecendo por algo, ou por sinal de agrado	o ato de apresentar-se a alguém (no Brasil e outras culturas)	agradecimento por algo que você ganhou, e de respeito pelo que você deu	beijar alguém na mão por sinal de respeito e admiração	ganhar algo de graça (porque beijo não é algo obrigatório, só se oferece a quem se quer)	_____
EI 5 Ter mão leve	Não conseguir deixar o pulso - e, assim, a mão - firme.	Deixar a mão caída, sem segurá-la	Uma mão que bate em alguém sem necessidade	Uma mão que bate em alguém sem necessidade	Uma pessoa delicada com os outros	Uma pessoa cuidadosa

Tabela 3: Descrição dos conceitos atribuídos às EIs descontextualizadas

EIs	Aprendiz 1 Inglês L1	Aprendiz 2 Inglês L1	Aprendiz 3 Espanhol L1	Aprendiz 4 Espanhol L1	Aprendiz 5 Espanhol L1	Aprendiz 6 Chinês L1
EI 1 Estar de mãos atadas	estar impossibilitado de fazer algo	estar ocupado	estar impossibilitado de fazer algo	estar impossibilitado de fazer algo	estar impossibilitado de fazer algo	_____
EI 2 Meter os pés pelas mãos	fazer algo que destoa do resto	_____	(tentar) passar algo por outra coisa	fazer algo mal feito	ficar em posição incômoda (<i>literal</i>)	ser muito confuso, atrapalhado.
EI 3 Ser uma mão na roda	atrapalhar algo	_____	ser responsável por decidir uma situação (ou atrapalhar algo)	estar bem na vida, atingindo metas e melhorando	ser parte de um grupo (roda como círculo de pessoas)	ser útil (uma pessoa é útil para outra em uma tarefa)
EI 4 Dar/ ganhar de mão beijada	ganhar algo com facilidade em sinal de agrado ou agrado	o ato de apresentar- se a alguém (no Brasil e outras culturas)	sinal de agrado pelo que você ganhou e de respeito pelo que você deu	ganhar respeito por um bom trabalho; nivelar-se a uma pessoa considerada superior	ganhar algo de graça (porque beijo não é obrigatório, só se dá se quer)	_____
EI 5 Ter mão leve	ser indeciso/a	ser afeminado	roubar algo ou bater em alguém sem necessidade	lidar de modo sensato em uma situação adversa	ter tato delicado com as outras pessoas, não ser bruto	Uma pessoa cuidadosa

O dado mais evidente da Tabela 2 é o número relativamente pequeno de casos em que os participantes não foram capazes de associar imagens mentais às EIs, ainda que nenhuma delas fosse conhecida pelos sujeitos. Das 30 possibilidades de criação de imagens, somente 4 não foram efetivadas, o que corresponde a 13% do total⁵.

Um segundo dado que chama a atenção na mesma Tabela é a relativa diversidade de imagens criadas, pelo menos aparentemente, para algumas das EIs. A EI 1, “estar de mãos atadas”, foi o único caso em que as imagens criadas foram em

⁵ Considerando-se que havia seis participantes na pesquisa, e cada um deles inferiu o significado de cinco EIs, o número máximo de imagens verbais criadas a partir dessas inferências seria trinta.

essência as mesmas para todos os participantes que a relacionaram a uma imagem específica (conforme análise a seguir).

Isso não significa, contudo, que não houve similaridades; ao contrário, como os dados da Tabela 2 mostram, há vários exemplos de imagens semelhantes, tanto entre falantes que compartilham a mesma L1 como entre falantes cujas línguas maternas não coincidem.

Voltando-nos à Tabela 3, e ao mesmo tempo relacionando com o que vimos afirmando até o momento em relação às imagens mentais formadas pelos participantes, a informação mais significativa, no nosso entender, é a de que, ao se analisar essas imagens que superficialmente são díspares umas das outras a partir tanto da teoria da metáfora conceptual como dos conceitos atribuídos às EIs, é possível verificar que tais diferenças perdem muito de sua força, conforme argumentaremos a seguir, a partir da análise individual de cada uma das expressões.

Análise individual das EIs

Nesta seção, as imagens mentais criadas para cada uma das EIs pelos participantes, bem como os conceitos delas derivados, serão avaliadas individualmente, nas Tabelas 4 a 8. Com isso, objetivamos mostrar que as imagens mentais criadas para as cinco EIs sob análise neste estudo apresentam, como um todo, mais semelhanças do que diferenças, ainda que essa informação não esteja aparente em uma primeira análise. Para tanto, nos valem do conceito de metáfora conceptual, assim como dos conceitos oferecidos às EIs pelos sujeitos.

EIs motivadas pelas metáforas conceptuais de ESTRUTURA DE EVENTOS

Tanto as imagens mentais como os conceitos dos sujeitos em relação à EI “estar de mãos atadas” podem ser vistos na Tabela 4. Entre os acarretamentos previstos por Lakoff (1992, p. 15), os que se aplicam à metáfora subjacente Estrutura de Eventos são, neste caso, somente dois: modo de agir é modo de mover-se; inabilidade para mover-se é inabilidade para agir.

Tabela 4: Imagens mentais e conceitos para a EI 1 “estar de mãos atadas”

EI	Sujeito 1	Sujeito 2	Sujeito 3	Sujeito 4	Sujeito 5	Sujeito 6
1	Inglês L1	Inglês L1	Espanhol L1	Espanhol L1	Espanhol L1	Chinês L1
I M A G E M	não poder mover as mãos, sem poder agir ou mover-se	estar com as mãos já envolvidas em alguma tarefa	não poder mover as mãos, sem poder agir ou mover-se	estar com as mãos atadas, sem poder agir ou mover-se	não poder mover as mãos, sem poder agir ou mover-se	
C O N C E I T O	estar impossibilitado de fazer algo	estar ocupado	estar impossibilitado de fazer algo	estar impossibilitado de fazer algo	estar impossibilitado de fazer algo	

Considerando os dados apresentados, percebemos que, dos seis participantes, quatro criaram a mesma imagem mental para a expressão “estar de mãos atadas”, um não conseguiu estabelecer qualquer imagem (Sujeito 6), e somente um a relacionou à imagem de alguém já engajado em uma tarefa específica (Sujeito 2). Essa pequena diferença, contudo, quando avaliada com base tanto em um dos acarretamentos previstos por Lakoff (1992, p. 15) para a metáfora de ESTRUTURA DE EVENTOS – ou seja, inabilidade para agir é inabilidade para mover-se – como pelos conceitos oferecidos pelos 4 sujeitos, fica diluída, já que o acarretamento previsto pode ser aplicado tanto para todas as imagens e para todos os conceitos previstos pelos participantes.

A mesma linha de raciocínio é válida para a EI 2, “meter os pés pelas mãos”, ainda que as imagens mentais criadas pelos participantes tenham sido um pouco menos uniformes do que as para a EI 1. Pela Tabela 5, é possível ver que, das cinco imagens mentais criadas, três são basicamente as mesmas (Sujeitos 1, 4 e 6), duas são diversas dessas e diversas entre si também (Sujeitos 3 e 5), e uma não foi obtida (Sujeito 2). Entretanto, se considerarmos o acarretamento “modo de agir é modo de mover-se” (1992, p. 15) para a metáfora de ESTRUTURA DE EVENTOS, nos parece razoável considerar as imagens mentais dos Sujeitos 1, 4, 5 e 6 como semelhantes. Assim, com exceção do Sujeito 2, sobre quem não há dados para fazer qualquer análise, apenas a imagem verbal, como também o conceito dela resultante, do Sujeito 3 parece não se enquadrarem nessa categoria.

Tabela 5: Imagens mentais e conceitos para a EI 2 “meter os pés pelas mãos”

EI 2	Sujeito 1 Inglês L1	Sujeito 2 Inglês L1	Sujeito 3 Espanhol L1	Sujeito 4 Espanhol L1	Sujeito 5 Espanhol L1	Sujeito 6 Chinês L1
I M A G E M	todos estão fazendo algo com os pés, e você faz com as mãos.	_____	(tentar) “vender” algo por outra coisa	uma pessoa fazendo com as mãos o que deve ser feito com os pés	ficar em posição incômoda (<i>literal</i>)	fazer com os pés o que deve ser feito com as mãos
C O N C E I T O	fazer algo que destoa do resto	_____	(tentar) passar algo por outra coisa	fazer algo mal feito	ficar em posição incômoda (<i>literal</i>)	ser confuso, atrapalhado, não usar os meios adequados para tarefas

Passando para a análise da última EI que possui como metáfora conceptual ESTRUTURA DE EVENTOS, a EI 3 “ser uma mão na roda” foi avaliada a partir dos acarretamentos (i) “forças afetando a ação são forças afetando movimento, (ii) dificuldades (forças contrárias) são impedimentos para o movimento, e (iii) progredir é um movimento para a frente (Lakoff (1992, p. 15). A Tabela 6 mostra que todos os acarretamentos recém citados estão presentes nas imagens criadas pelos sujeitos: no Sujeito 1, em especial os acarretamentos (i) e (ii); no Sujeito 3, todos os três, em igual proporção; no Sujeito 4, o acarretamento (iii); nos Sujeitos 5 e 6, os acarretamentos (i) e (ii).

Desse modo, e a exemplo das duas EIs previamente avaliadas, ainda que sejam visíveis dois tipos principais de imagens mentais – o primeiro representando uma roda girando e fazendo relação com a facilitação ou o impedimento de ações (Sujeitos 1, 3 e 4), e o segundo, uma roda de pessoas unidas em torno de um objetivo comum (Sujeitos 5 e 6) –, parece correto afirmar que todas têm como motivação a metáfora conceptual ESTRUTURA DE EVENTOS, com seus respectivos acarretamentos aqui avaliados.

Tabela 6: Imagens mentais e conceitos para a EI 3 “ser uma mão na roda”

EI 3	Sujeito 1 Inglês L1	Sujeito 2 Inglês L1	Sujeito 3 Espanhol L1	Sujeito 4 Espanhol L1	Sujeito 5 Espanhol L1	Sujeito 6 Chinês L1
---------	------------------------	------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	------------------------

I M A G E M	Uma roda está girando, e alguém coloca a mão e para a roda.	_____	A roda está girando, você deve decidir se vai contribuir para deixá-la girar ou pará-la.	Imagem de progresso (roda, rodas, rodas girando - sinal de avanço na sociedade)	Imagem de uma roda de pessoas, em que todas estão de mão dadas	Imagem de uma roda de pessoas, em que todas estão de mão dadas
C O N C E I T O	Atrapalhar algo	_____	ser responsável por decidir uma situação (ou atrapalhar algo)	estar bem na vida, atingindo metas e melhorando	ser parte de um grupo (roda como círculo de pessoas)	ser útil (uma pessoa é útil para outra em uma tarefa)

Passemos para a análise dos dados provenientes das duas EIs restantes, cada uma representando uma metáfora conceptual diferente: enquanto o significado da EI 4, “dar/ganhar de mão beijada” tem relação direta com a metáfora AÇÕES SÃO TRANSFERÊNCIAS, a EI 5, “ter mão leve”, faz parte do grupo das metáforas conceptuais orientacionais (Lakoff & Johnson, 1980).

EI motivada pela metáfora conceptual AÇÕES SÃO TRANSFERÊNCIAS

A EI 4, que na verdade expressa o mesmo conceito em duas diferentes direções, “dar de mão beijada” e “ganhar de mão beijada”, tem como metáfora subjacente AÇÕES SÃO TRANSFERÊNCIAS na medida em que “ações são conceitualizadas como objetos transferidos de um agente a um paciente.” (Lakoff, 1992, p. 11) Como se pode notar pela Tabela 7, é possível verificar a presença dessa metáfora nas imagens criadas pelos participantes – desconsiderando o Sujeito 6, que não estabeleceu qualquer imagem – na medida em que elas contém, de modo mais explícito em algumas imagens, menos em outras, a ideia de que o beijo é uma ação que é transferida e que, a partir dela, algo é obtido.

Novamente, se observarmos os conceitos relativos a essas imagens, podemos identificar três diferentes significados: ganhar algo sem esforço (Sujeitos 1 e 5), ganhar algo por merecimento (Sujeitos 3 e 4), e apresentar-se a alguém (Sujeito 2). Ainda que não haja um conceito comum a todos os sujeitos, e, como já visto, uma imagem mental também comum a todos, o que se verifica é a presença da metáfora conceptual, que imprime ao grupo de imagens e conceitos coerência.

Tabela 7: Imagens mentais e conceitos para a EI 4 “dar/ganhar de mão beijada”

EI 4	Sujeito 1 Inglês L1	Sujeito 2 Inglês L1	Sujeito 3 Espanhol L1	Sujeito 4 Espanhol L1	Sujeito 5 Espanhol L1	Sujeito 6 Chinês L1
I M A G E M	alguém agradecendo por algo, ou por sinal de agrado	o ato de apresentar-se a alguém (no Brasil e outras culturas)	agradecimento por algo que você ganhou, e de respeito pelo que você deu	beijar alguém na mão por sinal de respeito e admiração	ganhar algo de graça (porque beijo não é algo obrigatório, só se oferece a quem se quer)	_____
C O N C E I T O	ganhar algo com facilidade em sinal de agradecimento ou agrado	o ato de apresentar-se a alguém (no Brasil e outras culturas)	sinal de agradecimento pelo que você ganhou e de respeito pelo que você deu	ganhar respeito por um bom trabalho; nivelar- se a uma pessoa considerada superior	ganhar algo de graça (porque beijo não é obrigatório, só se dá se quer)	_____

EI motivada por Metáfora Conceptual Orientacional

A última EI a ser avaliada é também a que ofereceu um maior desafio em termos de classificação. Com base na teoria proposta por Lakoff & Johnson (1980), entendemos que a metáfora conceptual subjacente seria “LEVE É BOM; PESADO É RUIM”. Observando os dados dispostos na Tabela 8, percebemos que somente as imagens e conceitos dos Sujeitos 5 e 6 estão de acordo com ela. Já as imagens criadas pelos Sujeitos 3 e 4, embora iguais entre si, abarcam a ideia contrária, ou seja, de que “leve é ruim”. O mesmo pode ser afirmado com relação ao Sujeito 1, que relacionou a ideia de “leveza” com “fraqueza”. Por fim, tem-se a imagem criada pelo Sujeito 2, peculiar na medida em que é a única imagem que, pelo menos em uma análise superficial, não faz julgamento de valor, e sim somente uma constatação: mão leve significa, com relação a homens, uma indicação da orientação sexual.

Desse modo, e contrariamente ao que vimos tentando estabelecendo até este momento, o critério para a compreensão das imagens mentais elaboradas pelos participantes deste trabalho – ou seja, a relação entre essas e suas metáforas subjacentes – não pôde ser verificado nesse contexto.

Tabela 8: Imagens mentais e conceitos para a EI 5 “ser mão leve”

EI 5	Sujeito 1 Inglês L1	Sujeito 2 Inglês L1	Sujeito 3 Espanhol L1	Sujeito 4 Espanhol L1	Sujeito 5 Espanhol L1	Sujeito 6 Chinês L1
I M A G E M	Não conseguir deixar o pulso - e, assim, a mão - firme.	Deixar a mão caída, sem segurá-la	Uma mão que bate em alguém sem necessidade	Uma mão que bate em alguém sem necessidade	Uma pessoa delicada com os outros	Uma pessoa cuidadosa
C O N C E I T O	ser indeciso/a	ser afeminado	roubar algo ou bater em alguém sem necessidade	lidar de modo sensato em uma situação adversa	ter tato delicado com as outras pessoas, não ser bruto	Uma pessoa cuidadosa

5. Resultados

Embora as imagens mentais de expressões idiomáticas novas na L2 nem sempre tenham convergido entre os participantes deste estudo, na maioria dos casos o conceito de metáfora conceptual foi suficiente para oferecer um nível de coerência entre essas imagens, ratificando o que já havia sido mostrado em Gibbs & O’Brian (1980) e Kazemi et al (2013). Das cinco EIs analisadas, houve uma exceção, relativa à EI “ser mão leve”, conforme análise precedente.

Assim, e respondendo à principal questão colocada pelo estudo, os dados coletados até aqui sugerem que as imagens mentais criadas para as EIs estão de fato relacionadas ao conceito de metáforas conceptuais, e que isso se dá independentemente de as EIs serem conhecidas ou não pelos sujeitos. De modo geral, na maior parte das análises, foi possível verificar a relação entre imagens mentais de EIs, conceitos de EIs e metáforas conceptuais.

De qualquer modo, a exceção parcial a isso, verificada a partir da análise da EI “ser mão leve”, não pode ser desconsiderada. Se levarmos em conta que os sujeitos deste estudo eram falantes de diferentes línguas maternas, e também tinham experiências variadas com relação ao aprendizado de língua portuguesa como L2, podemos buscar uma justificativa no fato de que o significado de novas metáforas e expressões idiomáticas é criado tanto pela cultura do falante de uma dada língua como pelas experiências pessoais deste (Lakoff e Johnson, 1980; Arantes e Ferreira, 2010). Nesse contexto, os dados provindos da análise dessa EI específica – ainda que muito

preliminares – auxiliam na tentativa de resposta à questão secundária levantada neste trabalho, sobre a possível influência dos diferentes backgrounds linguísticos na consistência das imagens mentais elaboradas pelos sujeitos.

Naturalmente, nenhuma das duas respostas é conclusiva. A quantidade de dados avaliados até o momento não nos permite qualquer afirmação categórica. Estamos cientes disso, e por isso o trabalho de coleta de dados continua. Nossa ambição, com este artigo, foi tão somente contribuir para o debate sobre o papel das metáforas conceptuais na compreensão de expressões idiomáticas. Esperamos ter conseguido.

Referências

AFFLERBACH, Peter; CHO, Byeong-Young. Responsive comprehension strategies in new and traditional forms of reading. In: ISRAEL, Susan E; DUFFY, Gerald G. (eds). *Handbook of research on reading comprehension*. Nova Iorque: Routledge, 2009.

ARANTES, Poliana C. C.; FERREIRA, Luciane C. A metáfora no contexto midiático sociodiscursivo. In: IX Encontro do Centro de Estudos Linguísticos do Sul, Palhoça, SC, 2010. *Anais...Palhoça*, 2010, UNISUL, Curso de Letras, PPGL em Estudos da Linguagem. Disponível em http://www.celsul.org.br/Encontros/09_index.htm Acesso em: 05/10/2013.

CAMPS, Joaquim. Concurrent and retrospective verbal protocols as tools to better understand the role of attention in second language tasks. *International Journal of Applied Linguistics*. v. 13, 2003.

ERICSSON, Anders K.; SIMON, Herbert A. *Protocol analysis: verbal report as data*. MIT Press, Cambridge, MA, 1993.

GIBBS, Raymond W.; O'BRIEN, Jennifer. Idioms and mental imagery: The metaphorical motivation for idiomatic meaning. *Cognition*, 36, 1990.

GIBBS, Raymond W. What do idioms really mean? *Journal of Memory and Language*, 31, 1992.

KAZEMI, Seyyed Ali; ARAGHI, Seyyed Mahdi; BAHRAMY, Masoumeh. The Role of Conceptual Metaphor in Idioms and Mental Imagery in Persian Speakers. *International Journal of Basic and Applied Linguistics*, v. 2, n. 1, 2013.

LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: ORTHONY, Andrew. (ed.) *Metaphor and Thought*, 2 ed., Cambridge: Cambridge University Press. 1992.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we Live by*. Chicago: Chicago University Press, 1980.